



A banda Cólera participa do evento Vomitando a ceia

O punk rock da Cólera

Mark F. Vaz

O Vomitando a Ceia (VAC) prova que o punk hardcore está muito além de gritos e guitarras distorcidas, pois o projeto promove transformação social por meio da solidariedade, prestando apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade em locais como orfanatos e projetos sociais.

A edição especial de 10 anos recebe a banda Cólera acompanhada de Maltrapilhos, Terror Revolucionário, Mais Que Palavras e Cerrado Hostil amanhã, às 18h20, na Infinu.

Nesta edição, dois orfanatos de Brasília serão beneficiados, assim como o projeto Eu solidário, que atende famílias carentes. O público pode doar 2 Kg de um alimento não perecível ou um brinquedo novo ou usado, em ótimo estado, na entrada do evento.

O VAC foi fundado em

SERVIÇO

Vomitando a ceia — Especial

10 anos com Cólera em Brasília Amanhã, às 18h, na Infinu Comunidade Criativa (CRS 506 Bloco A Loja 67). Ingressos: a partir de R\$ 10, no Shotgun

2015 em Taguatinga por Felipe CDC e Márcio Picka e, desde então, o projeto percorreu mais de 10 cidades do Distrito Federal com o objetivo de arrecadar doações para instituições carentes por meio da música punk hardcore.

Nesta edição, o projeto comemora com a banda Cólera, fundada 1979 na periferia paulista, no bairro do Capão Redondo por Redson Pozzi e seu irmão Pierre Pozzi. Com apenas duas baquetas e um violão, os irmãos fizeram o primeiro show na escola em que estudavam, contestando e alertando contra as injustiças e desigualdades sociais.

Desde a partida do fundador Redson Pozzi, em 2011, a formação da banda

passou a ser composta por Wendell Barros (vocal), Pierre Pozzi (bateria e vocal), Val Pinheiro (baixo e vocal) e Fábio Belluci (guitarra). A banda underground independente representa o punk rock e o hardcore do começo dos anos 1980 e aposta em questões sociais que afetam a sociedade. As letras abordam temas ecológicos com mensagens de paz, solidariedade e conscientização.

“Gritamos em fúria contra tudo aquilo que nos ofende e nos impede de lutar pela nossa própria liberdade. Acima de tudo, o grito pede paz e conscientização das pessoas. Procuramos trazer questionamentos sobre as pautas sociais que nos afetam, como a violência, a miséria, a manipulação midiática e ecológica. O intuito é que cada pessoa pense por conta própria e esperamos que as músicas do Cólera funcionem como um estímulo para que se faça algo em prol da melhoria do planeta e das nossas vidas”, diz a banda.

Discotecagem em várias faces

O Réveillon da Porra promete aos amantes da música eletrônica a possibilidade de navegar por todos os gêneros da discotecagem. As três pistas inclusas na casa de festas Universo Surreal são tradicionais nas edições de Ano-Novo, e esta, nona vez que o evento acontece na capital, não deixará nada a desejar. Os mais de 3 mil metros de área comum contarão com open bar, espaço para descanso e mais de 10 DJs divididos em sessões. Ingressos disponíveis no Shotgun.

O evento deu aos criadores liberdade e apoio

para criar a atmosfera de cada festa e cada sonoridade. Ao **Correio**, o DJ da Vapor, Tonny Rocks, ressalta a curadoria metódica que tiveram para a última noite do ano. “Eu tenho pensado bastante sobre a importância dessa noite/dia. Vamos apresentar a Vapor como ela é: cenografia bem cuidada pela Studio Scama, soundsystem de qualidade e artistas que vão ferver quem desejar ferver. Estamos animados e iremos entregar o melhor que pudermos”, diz.

Assim como os setlists que o DJ faz para a Vapor,

Cadu Andrade



DJ Tonny Rocks

nesta edição do Réveillon da Porra ele pretende referenciar o que mais admira

SERVIÇO

Réveillon da Porra

No dia 31 de dezembro, a partir das 21h, na Universo Surreal (St. de Clubes Esportivos Sul Trecho 2). Ingressos disponíveis no Shotgun. Classificação indicativa: não recomendado para menores de 18 anos

na música eletrônica. “Eu gosto sempre de ser dinâmico nos meus trabalhos. Então, aguardem uma mistura de house, electro e, quem sabe, muitas referências de trance e techno dos anos 1990, para que as pessoas apenas fechem os olhos e dançam”, ressalta.

Tonny explica que trabalhar no feriado pode ser cansativo, mas tem suas glórias também. “Olha, nesta

edição especificamente, na qual a Vapor é convidada para fazer a curadoria e assinar a pista, a quantidade de trabalho é menor, pois temos a equipe definida para executar nossas demandas. Mesmo assim, é muito trabalho e, normalmente, começo a curtir mais ao fim da festa, apesar de amar o processo de criar a experiência para as pessoas se divertirem”, explica.